

Para José Antonio Benetti, com quem aprendi sobre o mundo não escrito

Eu admiro a precisão de suas mãos, e o entusiasmo de suas palavras me emociona.

Sua voz carrega, guarda com orgulho, os timbres de quem nasceu junto à terra. Mas em nenhum momento ela prevê a sensibilidade de seus gestos. Suas mãos conhecem a exatidão da delicadeza e da força. Os movimentos que você faz, sem se dar conta de que está fazendo, extraem do ar uma beleza.

As histórias que você me conta demandam o tempo, assim como um maestro necessita de uma orquestra em sintonia com sua cadência, de tal forma que é indiscernível saber o que dita o ritmo.

Quando você narra, sua voz mensura o espaço em seu perímetro, área e volume. A densidade dela, como o rio que passava atrás de sua casa, dá corpo às imagens. Escutar você é como um abraço, é presente e não se sabe o início. O que veio primeiro: a experiência ou a palavra?

Eu amo o jeito como você olha as coisas e qualifica cada uma delas atribuindo inestimável importância às pequenas, às metálicas, às que não se fabricam mais, às orgânicas, às líquidas, às grandes, às impressas, às flexíveis, às ocas, às que ressecam, às que molhadas certamente irão estragar, às que não podem ser jogadas fora, às que são úteis

quando necessárias, às raras, às feitas em plástico, às que orbitam sistemas solares, às que cantam ao entardecer, às que existem aos milhares pelo mundo, mas para as quais só você, com sua habilidade de conceber junções e encaixes, descobriu, naquela manhã, um novo modo de usar.

Você parece uma biblioteca para o mundo.

Você sempre revela um pedaço do que não está escrito. Em suas palavras, o tempo muda. Em suas mãos, as coisas se transformam.

Bem, você faz isso enquanto ri, e eu aprendo com você, meu amigo.

Não há, por aqui, alguém que saiba permanecer como você permanece.

Jimson Vilela 2021